

GEÍSA GAIGER DE OLIVEIRA
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ
ORGANIZADORES

Des
ign
em
pes.
qui
sa. vol 4

GEÍSA GAIGER DE OLIVEIRA
GUSTAVO JAVIER ZANI NÚÑEZ
ORGANIZADORES

Des
ign
em
pes.
qui
sa. vol 4

Este livro é uma das publicações do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (www.ufrgs.br/iicd).

© dos autores – 2021

Projeto gráfico: Melissa Pozatti

D457 Design em pesquisa: volume 4 [recurso eletrônico] / organizadores Geísa Gaiger de Oliveira [e] Gustavo Javier Zani Núñez. – Porto Alegre: Marcavisual, 2021.
720 p. ; digital

ISBN 978-65-89263-33-3

Este livro é uma publicação do Instituto de Inovação, Competitividade e Design (IICD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (www.ufrgs.br/iicd)

1. Design. 2. Gestão do Design. 3. Gestão de Projetos. 4. Educação. 5. Sustentabilidade. 6. Desenvolvimento humano. 7. Saúde. 8. Bem-estar. 9. Tecnologia .10. Emoção. I. Oliveira, Geísa Gaiger de.. II. Núñez, Gustavo Javier Zani.

CDU 658.512.2

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)



Marcavisaual Editora - Conselho Editorial

www.marcavisaual.com.br

Airton Cattani – Presidente

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Adriane Borda Almeida da Silva

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

Celso Carnos Scaletsky

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Denise Barcellos Pinheiro Machado

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marco Antônio Rotta Teixeira

UEM – Universidade Estadual de Maringá

Maria de Lourdes Zuquim

USP – Universidade de São Paulo

Capítulo 5

A maleta didática: uma oportunidade do design para a “reativação patrimonial”

Adriana Bolaños-Mora e Tânia Luísa Koltermann da Silva

RESUMO

Este trabalho resulta de uma investigação de doutorado sobre maletas didáticas desde a perspectiva do design e a oportunidade para a “reativação patrimonial” por meio destes artefatos. O estudo sugere como pioneiro das maletas o artista francês Marcel Duchamp, no período entre 1936 e 1949. Hoje em dia as maletas têm se transformado e são usadas como material didático, principalmente no contexto museal; e procuram ser uma ponte entre o museu e a escola, visando completar a mensagem expositiva, que nem sempre é acessível ao público. O conteúdo das maletas consiste em sua característica fundamental, porque contém objetos carregados de história, que constituem fontes de dados que possibilitam transmitir um determinado aspecto de uma cultura, para o estudo e conhecimento da história do ser humano. Quanto à experiência de uso das maletas didáticas, verifica-se que possuem um grande potencial de ativar recordações e lembranças, por conseguinte despertam a consciência acerca do patrimônio local no contexto em que são usadas, e criam uma oportunidade para fortalecer a “reativação patrimonial” ou o senso de pertencimento de cada usuário à sua respectiva comunidade, porque constitui potencialmente um espaço aberto para a reflexão social, assim como para criar e transformar realidades existentes. Razão pela qual a função do design é fundamental no conhecimento, desenvolvimento e gestão de maletas didáticas.

Palavras-chave: Maleta didática, patrimônio, museu, design.

1 O CONTEXTO DAS MALETAS DIDÁTICAS

Este trabalho é uma parte do resultado da pesquisa de tipo exploratória da tese de doutorado em Design de Adriana Bolaños-Mora (2021) do PGDesign da UFRGS, com a motivação de ser a primeira vez que se aborda o tema das maletas didáticas desde

a perspectiva do design. O que evidenciou por um lado a carência de pesquisas acadêmicas com foco no estudo das maletas didáticas, e em consequência confirma uma lacuna na fundamentação e caracterização destas, o que pode gerar conflito com outros tipos de materiais didáticos, assim como o desconhecimento de como abordar projetos deste tipo.

O estudo das maletas didáticas envolve conhecimentos da didática expositiva, a expografia, a museografia, o marketing de serviços, o design de serviços, o design de produto, o design de interação, entre outros. Gerando uma relação que não só favorece o design, mas também outros campos de estudo. Portanto, resgatam-se, a seguir, alguns acontecimentos relevantes que configuram o que nomeamos de contexto das maletas didáticas.

Sugere-se ao artista francês Marcel Duchamp, o pioneirismo no desenvolvimento deste tipo de material, ao projetar, entre os anos 1936 e 1949, uma série de caixas que ele chamava de *Boite-en-valise* (em francês), ou Caixa na Maleta. Este material consistiu em uma série de maletas em couro desdobráveis e personalizadas, nas quais o artista desejava colocar suas obras mais importantes e, para isto, teve que fazer cópia em escala de seus quadros e réplicas de alguns de seus *ready-mades*. O fato de conter várias reproduções e réplicas de obras artísticas numa maleta somente, conforme Figura 1, foi o que levou muitos a conhecê-las como *The Portable Museum* (BONK, 1989).

Figura 1 – “La Boîte-en-Valise” de Duchamp



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tuM0G73gEtg>

Em meados dos anos 1960 na Suécia o governo instituiu uma organização experimental, a *Riksställningar* (Serviço Sueco de Exposições Itinerantes) que operou de forma permanente até o ano de 2017, e tinha como missão “encontrar novas maneiras de

usar exposições para fins educacionais em todos os níveis, trabalhando com [...] todos aqueles que contribuem para o desenvolvimento sua experiência e conhecimento” (OLOFSSOM, 1979).

Em nome do *International Council of Museums - ICOM*, no ano de 1973 a *Riksställningar* produziu uma primeira versão de um «kit de laboratório» sobre como fazer exposições. Chamava-se *Kit on Kits* conforme Figura 2, e compreendia uma compilação das experiências da *Riksställningar* com pequenas exposições portáteis. A caixa era destinada a museus e educadores em museus dentro e fora do país. Além de lâminas do processo de trabalho, continha amostras de materiais, livros de instruções, um curta-metragem e um conjunto de telas descartáveis.

Figura 2 – *Kit on Kits* da *Riksställningar*



Fonte: Broms; Göransson (2012)

Apesar da ampla experiência em mais de 50 anos dedicados à investigação sobre exposições itinerantes, entre essas diversas maletas didáticas, as barreiras idiomáticas levam a não ter fácil acesso a esta experiência sueca, valiosíssima tanto para o design quanto para a museologia, entre outras. Ainda assim o livro *Kultur i rörelse: en historia om Riksställningar och kulturpolitiken* de Broms e Göransson (2012) resgata os trabalhos mais representativos.

Por outro lado, as caixas de Duchamp que foram rejeitadas na instituição museal, são agora neste contexto acolhidas com mais aproveitamento; e na atualidade têm se transformado em material didático com um grande potencial de replicação principalmente no museu. De maneira que, elas se apresentam como “noção de museu” independentes da ideia do lugar (PRADA, 2001) o que em efeito faz do museu, parte desta história.

Resgatam-se momentos históricos como a *Mesa de Santiago de Chile* no ano de 1972, que foi convocada pela *United Nations*

Educational, Scientific and Cultural Organization- UNESCO e o ICOM, para debater sobre o desenvolvimento e a função dos museus no mundo contemporâneo. As mudanças sociais, econômicas e culturais que estavam ocorrendo no mundo nos anos setenta, e em muitas das áreas em via do desenvolvimento, constituíam um desafio à museologia.

Entre as recomendações gerais, sobressai a necessidade de abrir o museu para outras disciplinas, a função social do patrimônio cultural acessa materiais e coleções, atualização dos sistemas museológicos para fins de comunicação, treinamento da equipe do museu e um relacionamento mais próximo com a comunidade.

No ano de 1974, nas quartas jornadas do ICOM, conforme Santacana (2007), foi acordado que os museus possuiriam uma função específica relacionada com a educação e a difusão cultural, bem como contariam com um espaço determinado dentro da instituição que a partir daquele momento passaria a nomear-se “Departamento de educação e ação cultural”.

Em consequência, os museus tiveram de improvisar ações que de acordo com Serrat (2007), poderiam ajudar o visitante a apreender e compreender a ideia básica da exposição. Portanto, entre as dinâmicas que oferecem os departamentos de educação de alguns museus com o intuito de aproximar, mediar e contextualizar suas coleções com os diversos públicos estão: visitas guiadas; folhetos impressos, workshops ou laboratórios, atividades recreativas ou lúdicas; elaboração ou apresentação de vídeos; entre outros materiais didáticos.

No entanto, a necessidade de tornar as coleções acessíveis a um público não especializado, continua apresentando grande desconexão. Por um lado, conforme Lavado (1992), chegar ao museu não é tão fácil como parece (ainda que muitas escolas incluam nos seus programas uma visita ao museu, muitas vezes estas propostas só ficam no papel, seja por problemas econômicos, por falta de tempo, etc.). Também, porque, muitas vezes, os grupos escolares que conseguem ir ao museu, não estão na melhor situação, pois o professor assume simplesmente o papel de acompanhante, deixando a visita em mãos dos monitores do museu. E se o museu fosse até a escola?

O museu, com o objetivo de aproximar suas obras ao público escolar, toma a decisão de que sejam as mesmas obras a “viajar”, assim como, às exposições itinerantes; que do ponto de vista de Lavado (1992), têm uma missão de cumprir o projeto difusor cultural e educativo que justifica o deslocamento de objetos a outras áreas geográficas e culturais.

Visto que não é fácil deslocar os objetos do museu, seja pelas suas condições de tamanho ou por suas restrições de conservação, em certas ocasiões, isto dificulta o acesso a estas obras e, como consequência dificulta ou mesmo inibe a possibilidade de transmitir determinados aspectos de uma cultura, conforme Lavado (1992). Assim, nos esforços para revitalizar as atividades do museu e trazê-lo mais perto do público é que nascem as maletas didáticas. Mas o quê é uma maleta didática?

2 ALÉM DO OBJETO CARREGADO DE OBJETOS

Uma maleta didática é um conjunto organizado de propostas didáticas flexíveis (GARCÍA RUBIO, 2001; CURSACH e SORIANO, 2006; BERROCAL, 2010; MUSEO INTERACTIVO MIRADOR, 2011), que dependendo do contexto de uso, público-alvo, tempo destinado para as atividades, número de participantes, recursos disponíveis, etc. permitem sua adaptação (HERNÁNDEZ, 2012) e que se destinam a facilitar o processo de aprendizagem do usuário (I ROCA e DE ARAMBURU, 2007), sobre um tema claramente delimitado (OLOFSSOM, 1979), por exemplo, a maleta didática “Cauca: espelho da diversidade da Colômbia” do *Museo del Oro* da Colômbia, conforme Figura 3.

Figura 3 – Maleta didática “Cauca” *Museo del Oro* da Colômbia



Fonte: Acervo fotográfico de Adriana Bolaños-Mora

O conteúdo deve ser acondicionado para que seja possível guardá-lo e transportá-lo numa maleta, caixa ou mochila, conforme Figura 4 (SERRAT 2007). Portanto, a maleta didática é portátil e itinerante, fazendo com que o conteúdo que carrega e determinado aspecto de uma cultura chegue a muitas pessoas, para o estudo e conhecimento da história do ser humano. É usada principalmente na área educativa dos museus, mas não exclusivamente por estes (MINISTERIO DE EDUCACIÓN DE COLOMBIA, s.d.; CURSACH e SORIANO, 2006; MAMM, 2012; SERRANO JIMÉNEZ, 2014; BELINCHÓN e ILLOBRE, 2014).

Figura 4 – Exemplos de embalagem da maleta didática: maleta, caixa ou mochila



Fonte: Museu do Ouro - Colômbia, Museu de Arte Contemporânea - Barcelona e Museu Botero - Colômbia

Sua natureza de empréstimo e seu uso contínuo (LAVADO, 1992a), geram um efeito multiplicador, de modo que a maleta didática deve estar a serviço da comunidade (ARMENGOL, 2000; PARCERISA ARAN, 2010), em especial àquela que, por alguma circunstância limitante, não pode ter contato direto com o conhecimento (ICOM, s.d.; LAVADO, 1992; ARANGO e PARRA, 2010; MUSEO INTERACTIVO MIRADOR, 2011; ÁLVAREZ DOMÍNGUEZ, 2011, 2012, 2013; BELINCHÓN e ILLOBRE, 2014), como por exemplo, pessoas privadas da liberdade, hospitalizadas, idosas, cegas, entre outras. Portanto tem potencial para ser usada em e para contextos de inclusão, por exemplo, uma das maletas didáticas do Museu da UFRGS com conteúdo em Braille, conforme Figura 5.

A característica fundamental de toda maleta didática é que contém objetos e documentos (GARCÍA BLANCO, 1988), carregados de história (SERRAT, 2007), que constituem fontes de dados, sejam eles reproduções de peças ou objetos originais preparados para exposição, estudo e manuseio por parte dos usuários, por

exemplo, a maleta “Ancientpottery” do *Museum of Cycladic Art*, da Grécia, conforme Figura 6.

Figura 5 – Maleta didática “Os Guarani Mbyá” do Museu da UFRCS - Brasil



Fonte: Acervo fotográfico de Adriana Bolaños-Mora

Estes objetos podem ser: documentos escritos; documentos gráficos e de imagem; e documentos objetos (CURSACH e SORIANO, 2006). Independente do tipo de patrimônio a maleta deve oferecer a possibilidade de desmistificar a musealização das peças ao permitir o manuseio dos originais ou das réplicas que são peças em muitos casos com as mesmas características dos originais (ARMENGOL, 2000; CURSACH e SORIANO, 2006).

Figura6 – Peças disponibilizadas para o manuseio da maleta didática “Ancientpottery”



Fonte: *Museum of Cycladic Art*. Disponível em: <https://cycladic.gr/en/page/mousioskeues>

Projetada para ser interativa e promover atividades nas quais, se possível, os sentidos sejam estimulados (MUSEO DEL ORO, s.d.; HERNÁNDEZ, 2012; BELINCHÓN e ILLOBRE, 2014), a maleta contribui para fomentar o desenvolvimento de habilidades cognitivas

tais como observação, experimentação, contraste, comparação e relação (SERRAT 2007). E deve convidar os usuários a criar suas próprias interpretações dos fatos, o que em consequência propende pela aprendizagem significativa (MOREIRA, 2006 e 2014).

Esta perspectiva multimodal da maleta didática se fundamenta no reconhecimento da melhora na qualidade da aprendizagem dos conceitos, quando para isto participam diferentes linguagens (estimulando os sentidos além do visual), ao contrário do uso tradicional da linguagem oral - escrita que historicamente tem predominado na educação (TAMAYO, *et. al*, 2010). Pela estimulação dos sentidos, este material pode ser usufruído por pessoas com algum tipo de deficiência, não precisando, em muitos casos, de adaptações (ICOM, s.d.; BERROCAL, 2010). Como por exemplo, a maleta didática “A música da vida” do *Museo del Oro* em uso junto a pessoas com deficiência, conforme Figura 7.

Figura 7 – Maleta didática “A música da vida” do *Museo del Oro* da Colômbia



Fonte: Jacqueline Ocampo Cruz

Certamente, a maleta didática deve ser “embaixadora silenciosa da educação e da cultura” (MUSEUM OF CYCLADIC ART, s.d.) da instituição que representa. Deve ter uma linha discursiva com funções expositiva, educacional, mediadora e de reativação patrimonial, capaz de ser produzida em série e destinada a ser emprestada, alugada ou vendida.

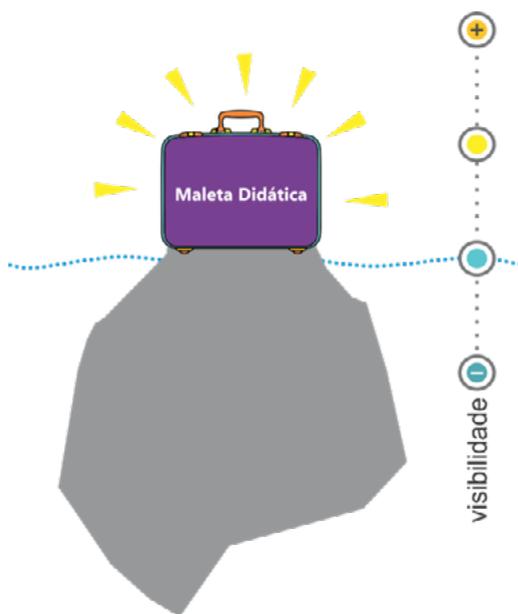
Em suma, a combinação destas características, pode gerar uma ampla gama de possíveis maletas didáticas, mas vai depender da criatividade dos projetistas e dos objetivos que queiram atingir com o uso do material.

3 O PATRIMÔNIO NO CONTEXTO DE USO

Estudar as maletas didáticas pela sua inerente natureza complexa e multidisciplinar, pelas suas abordagens diversas e particulares vinculadas às distintas dinâmicas socioculturais é relevante, sendo este um tema abundante e inesgotável. O desenvolvimento de maletas didáticas envolve características de grande número de disciplinas acadêmicas, as quais pertencem às áreas como museografia, design, didática e marketing, entre outras. Portanto, dada a complexidade de uma maleta didática, o projeto desta merece uma equipe multidisciplinar, na qual o papel do designer é primordial. Por tal motivo, neste capítulo será dado destaque somente a uma das funções da maleta, a reativação patrimonial. Mas antes é pertinente deixar explícitas algumas situações:

Pensar na maleta didática é como estar olhando para a ponta de um iceberg, conforme Figura 8, no qual a maleta será a parte mais visível de todo um conjunto de fatos que a conformam e lhe dão fundamento e suporte. A parte mais baixa e submersa do iceberg corresponde às ações e processos de design, gestão e suporte da maleta didática, esta em operação por parte da instituição que dispõe e fornece o serviço da maleta, mas muitas vezes estas ações são invisíveis ao usuário.

Figura 8 – O iceberg da maleta didática

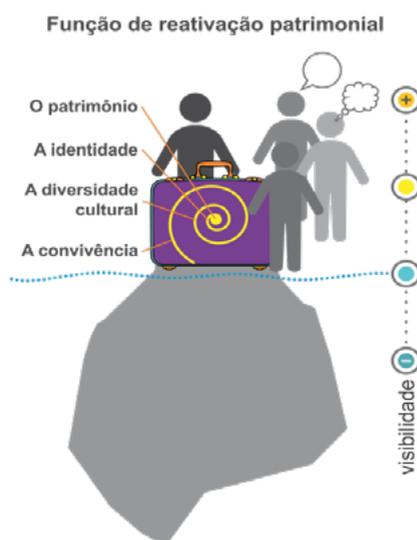


Fonte: Bolaños-Mora (2021)

No contexto de uso, a maleta didática envolve o manuseio dos objetos por parte dos usuários e a geração de reflexões e questionamentos a partir destes; condição que “tem grande potencial de ativar recordações e lembranças nos usuários” (BOLAÑOS-MORA, 2021). Estas lembranças da “memória intersubjetiva” (ou seja, compartilhada), representam uma oportunidade de gerar “patrimônio local” que é o “recurso permanente ao passado, partindo de interpretar as preocupações e desafios do presente para projetar e construir participativamente o futuro, de acordo com ideias, valores e interesses, compartilhados em maior ou menor grau” (PRATS, 2005).

Além disso, a experiência de mais de 30 anos na área de serviços educacionais do *Museo del Oro* da Colômbia com o projeto, a execução e a gestão de maletas didáticas, conforme Gonzalez (2004), evidencia que independente do tema da maleta didática, há quatro conceitos fundamentais que se desenvolvem de um modo “inconsciente” no contexto de uso destas e são: o patrimônio, a identidade, a diversidade cultural e a convivência, conforme Figura 9.

Figura 9 – Efeitos de estudar o patrimônio



Fonte: Adaptado de Bolaños-Mora (2021)

Em outras palavras, o efeito que gera nos usuários o estudo do patrimônio (qualquer que seja este), afirma Gonzalez (2004), permite o surgimento de conceitos como: a identidade que não

é uma, mas que são múltiplas; o que de fato leva a considerar a diversidade cultural como uma realidade; e que a partir do reconhecimento disso, se espera educar em convivência.

García Canclini (1999) defende que o patrimônio tem como função resgatar não apenas os “objetos autênticos” de uma sociedade, mas aqueles que são “culturalmente representativos”. Afirmando que não basta que as escolas e os museus sejam abertos a todos, que sejam gratuitos e que promovam a sua ação difusora a todos os níveis (como é o caso das maletas didáticas). Um exemplo disso é que “à medida que descemos na escala econômica e educacional, diminui a capacidade de apropriação do capital cultural transmitido por essas instituições” (GARCÍA CANCLINI, 1999).

Assim, apreender o patrimônio em termos de “capital cultural tem a vantagem de não apresentá-lo como um conjunto de bens estáveis neutros, com valores e significados fixos, mas como um processo social que, como outro capital, se acumula, se renova, produz rendimentos” (GARCÍA CANCLINI, 1999).

Este patrimônio em termos de “objetos documentos”, com fins educacionais, podem surgir de diversos contextos e vai depender da comunidade que olhe para eles como objetos potenciais de fazer parte de uma maleta didática, o que significaria que, qualquer objeto tem potencial para ser carregado de história, ou seja, carregado de valor, o que em suma significa que a construção de valor está em constante transformação.

Para Schärer (2000), “os objetos não têm mais importância do que sua relação com o ser humano e a sociedade; mas, além de nos rodear, eles são frequentemente preservados, seja pela função para a qual são utilizados [...] ou pelos valores a eles atribuídos”. Mas como carregar de história um objeto? Alguns passos são sugeridos no Quadro 1.

Quadro 1 - Como carregar de história um objeto?

Passo	Descrição
1. A re-interpretação (por parte dos projetistas)	Olhar para objetos e situá-los num novo quadro de valores e caracterizá-los, entre outras coisas, como alvo do desejo (BRULON, 2016).
2. A musealização	Torná-los testemunhas da memória individual ou coletiva, com um caráter de referência (SCHÄRER, 2000) ao incluí-los como parte do conteúdo de uma maleta didática.
3. A exposição	Apresentá-los em comum, atrelados a àquilo que lhes dá sentido (BRULON, 2016) no contexto comunitário.
4. A re-interpretação (por parte dos usuários, no contexto de uso)	Olhar para objetos desde um novo quadro de valores para acionar o efeito: “patrimônio, identidade, diversidade cultural e convivência” (GONZÁLEZ, 2004).
5. A reativação patrimonial	Destacar propriedades “desaparecidas” dos objetos na interação com a comunidade, para que da re-interpretação destes se dê a oportunidade de gerar patrimônio local (BOLAÑOS-MORA, 2021).

Fonte: Bolaños-Mora (2021)

Em síntese, todo objeto inserido na maleta didática representa um tipo de patrimônio e de fato, uma oportunidade que constitui potencialmente um espaço aberto para a reflexão social, para a criação e transformação de realidades existentes no contexto em que a maleta didática esteja sendo usada, favorecendo em suma a reativação patrimonial.

CONSIDERAÇÕES

Dadas as características das maletas didáticas até aqui recopiladas, pode-se dizer que o contexto destas ainda está em construção, por um lado pela necessidade de mais pesquisas que abordem as maletas didáticas desde diferentes perspectivas. Por outro, o contexto atual, de pandemia, da diminuição do financiamento da cultura e da educação, entre outros, são realidades que devem ser consideradas para a reflexão de como “incertezas construídas em um espaço que valoriza a diferença se conectam por meio da troca de diferentes significados, transformando as desigualdades em experiências potencialmente criativas” (PASQUALUCCI, 2020), experiências nas quais o papel do designer é fundamental.

Assim, também a maleta didática, como “objeto carregado de objetos” tem objetivos importantes para seu contexto de uso, entre estes resgatar a memória e a cultura por meio do esta-

belecimento de um diálogo entre seus usuários tal qual como a função educativa do museu, mas esta vez na sala de aula, na praça, na prisão, etc. o qual pode ser mais pertinente e eficaz na medida em que o design intervira no processo do projeto.

Tanto o processo de projeto, quanto a gestão da maleta didática em operação, consiste em um conjunto de ações não percebidas pelo usuário, portanto “invisíveis”. Também, pelo fato de ter sido concebida originalmente para o empréstimo (não gerando propriedade no usuário) faz com que seja caracterizada como serviço, mais do que como um conjunto de produtos.

Uma maleta didática pronta para seu uso não é suficiente, já que esta precisa de processos internos e interações que apoiem as etapas de divulgação, treinamento, empréstimo, uso, devolução, manutenção do material, etc. Não considerar este conjunto de ações, pode acarretar o fracasso da maleta didática no contexto de uso, levando muitas vezes a deixá-la guardada e esquecida numa prateleira.

“Assumir desde o início do projeto (da maleta didática), o iceberg como um todo, permitirá visualizar [...] com maior clareza, e a abrangência e complexidade da proposta” (BOLAÑOS-MORA, 2021). Vale a pena salientar que o objeto maleta didática envolve necessidades que as diferentes perspectivas do design as poderiam satisfazer.

Em suma, o patrimônio faz parte da essência das maletas didáticas, independente do tema e do contexto no qual estas sejam desenvolvidas. Deste modo, considerar a maleta didática como “espaço” interdisciplinar em que se reconhece uma série de objetos culturalmente, com um sentido na sociedade; a dinâmica de ativar recordações gera um “fenômeno sem o qual o sujeito não pode se apropriar de seu espaço na sociedade” (PASQUALUCCI, 2020).

Portanto, o extenso campo das maletas didáticas é uma oportunidade ainda inexplorada pelo design para além de “proteger o patrimônio”, defendido por González (2004), de reconhecer a necessidade de adotar o patrimônio em termos do “capital cultural”, por García Canclini (1999) e de dar a oportunidade de gerar “patrimônio local”, por Prats (2005), beneficiando assim a “reativação patrimonial” (BOLAÑOS-MORA, 2021).

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ DOMÍNGUEZ, Pablo. **Viajes y maletas pedagógicas en la enseñanza y el aprendizaje de la historia de la escuela.** Em: *Íber Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia*. No. 73 abril, 2013. p. 90-97 Disponível em: http://issuu.com/editorialgrao/docs/ib073_z Acesso em: 28 de novembro de 2015
- _____. Maletas pedagógicas para aprender historia de la Educación en la universidad: ¿posibilidad, utopía, realidad o locura? Em: **Mesa 3: “Usos innovadores de recursos educativos”** Modera: Sánchez Matamoros, Gloria 2012.
- _____. El arte de aprender y enseñar Historia de la Escuela a través de maletas histórico-educativas. Em: CELADA PERANDONES, P. (ed.): **Arte y oficio de enseñar. Dos siglos de perspectiva histórica. El Burgo de Osma (Soria)**: SEDHE, Universidad de Valladolid y CEINCE, 2011. p. 267-276.
- ARANGO M. J.; PARRA L. **Una estrategia didáctica para fortalecer el proceso inicial de la lectura y escritura en la comunidad indígena Arhuaca:** La Maleta Viajera. Trabajo de Grado. Programa de Licenciada en Pedagogía Infantil. Universidad de La Sabana, Colombia, 2010.
- ARMENGOL, M. **Maletas didácticas: el museo viaja a la escuela.** *Íber: Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia*, n. 23, 2000, p. 103-112.
- BELINCHÓN M.; ILLOBRE S. De un Museo clásico a un Museo para todos: Proyecto piloto del Museo de Ciencias Naturales de Valencia. Em: **Relatos para museos, museos para relatos. Narración digital y museos científicos inclusivos:** un proyecto europeo. Vetrani Editores, Itália. 2014, p. 91-100.
- BERROCAL CAPDEVILA, Marta. **ExpressArt. Guía para el profesorado.** Museu D'Art Contemporani de Barcelona. 2010, p. 92. Disponível em: http://www.macba.cat/uploads/20100611/expressart_CAS.pdf Acesso em 20 de novembro de 2015
- BOLAÑOS-MORA, Adriana. **NEM NOVO, NEM MEU, MAS VALIOSO: Diretrizes para o projeto de maletas didáticas sob a óptica do design de serviços com base na avaliação da experiência do usuário.** Tese (Doutorado em Design). Programa de Pós-graduação em Design. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.
- BONK, Ecke. **Marcel Duchamp: The Portable Museum.** Thames and Hudson, 1989, p. 324.
- BROMS, Helene; GÖRANSSON, Anders. **Kultur i rörelse: en historia om Riksställningar och kulturpolitiken.** Atlas, Suécia 2012, p. 297.
- BRULON, Bruno. **Re-interpretando os objetos de museu:** da classificação ao devir. *Transinformação*, 2016, vol. 28, no 1, p. 107-114.
- CURSACH, J. F.; SORIANO, M. **La Dama d'Elx i la cultura ibèrica: una proposta didàctica per a treballar a l'aula.** *La Rella: anuari de L'Institut d'Estudis Comarcals del Baix Vinalopó*, n. 19, 2006, p. 289-306. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5435711> Acesso em 15 de julho de 2016
- GARCÍA BLANCO, Ángela. **Didáctica del Museo.** El descubrimiento de los objetos. España: Ediciones de la Torre, 1988.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Los usos sociales del Patrimonio Cultural.** Em: AGUILAR CRIADO, Encarnación. *Cuadernos Patrimonio Etnológico. Nuevas perspectivas de estudio* Consejería de Cultura. Junta de Andalucía, 1999, p. 16-33.
- GARCÍA RUBIO, Ana Isabel. **La Maleta Pedagógica: un proyecto educativo para el museo Nacional de Machado de Castro.** *IMAFRONT* n. 15 2001, p. 85-102. Disponível em: <http://revistas.um.es/imafronte/article/view/37661/36161>

Acesso em 5 de agosto de 2015

GONZÁLEZ GALVIS, ANA MARÍA. **Identidad, patrimonio y diversidad cultural: inmersión en la práctica y en la historia del Museo del Oro.** Trabalho de Conclusão de Curso (Antropología) Programa da Facultad de Ciencias Sociales. Universidad De Los Andes. Bogotá, 2004, p. 165.

HERNÁNDEZ DELGADO, C. **Maletas didácticas, una opción de visita en los museos.** En: La voz inah Nueva Época año VIII, número 17, mayo 2012 p. 14-16.

ICOM - ESPAÑA DIGITAL. **Revista del Comité Español de ICOM No.2 Museo e Inclusión social.** Revista del Comité Español de ICOM. s.d. Disponible en: http://issuu.com/icom-ce_librovirtual/docs/icomcedigital02 Acesso em 5 de outubro de 2015

I ROCA, R. S.; DE ARAMBURU, R. S. F. Museografía didáctica audiovisual, multimedia y virtual. Em: SANTACANA MESTRE, J. e SERRAT ANTOLÍ, N. (coords) **Museografía Didáctica.** Ed. Ariel 2ª Ed. 2007, p. 303-394.

LAVADO PARADINAS, Pedro José. **Las maletas didácticas en el Museo y en el aula.** Valoración pedagógica de las maletas didácticas. La exposición didáctica en el ámbito escolar. Madrid 1992, El Corte Inglés; p. 39-50.

_____. **Exposiciones didácticas. Maletas y talleres: el Museo en casa.** Coloquios Galegos de Museos. Orense 1992(a). Consello Galego de Museos; p. 111-137.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN DE COLOMBIA. **Maleta Pedagógica de Educación para la Sexualidad y Construcción de Ciudadanía.** Ministerio de Educación Nacional de Colombia. s.d. Disponível em: <http://www.colombia-aprende.edu.co/html/docentes/1596/w3-article-345804.html> Acesso em 7 de janeiro de 2014

MOREIRA, Marco Antonio. **Enseñanza de la física: aprendizaje significativo, aprendizaje mecánico y criticidad.** Revista de Enseñanza de la Física, 2014, vol. 26, no 1, p. 45-52.

_____. **Aprendizagem Significativa: da visão clássica à visão crítica.** Em: Conferência de encerramento do V Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa, Madrid, Espanha, setembro de. sn, 2006.

MUSEO DE ARTE MODERNO DE MEDELLÍN - MAMM. **Programas educativos MAMM: Creativos, Laboratorios y Maleta Viajera.** 2012. Disponível em: <https://prezi.com/7hcob7r01zzv/programas-educativos-mamm-creativos-laboratorios-y-maleta-viajera/#> Acesso em 22 de dezembro de 2015

MUSEO DEL ORO. **Cómo hacer una maleta didáctica?** s.d. Disponível em: <http://www.banrepcultural.org/museo-del-oro/educacion/como-hacer-una-maleta-didactica> Acesso em 14 de junho de 2014

MUSEO INTERACTIVO MIRADOR. **Proyecto Maleta Didáctica.** Santiago de Chile, outubro de 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/view/5820738/anexo-maleta-didactica-mim> Acesso em 20 de setembro de 2015

MUSEUM OF CYCLADIC ART. **Museum-kits.** s.d. Disponível em: <https://cycladic.gr/en/page/mousiosskeues> Acesso em 23 de outubro de 2020.

OLOFSSON, Ulla Keding. (Direc.) **Les musées et les enfants.** Unesco. Paris, 1979. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135130?posInSet=1&queryId=75bf8891-a6be-4099-b41f-b6d1f292afee> Acesso em 7 de setembro de 2020.

PARCERISA ARAN, Artur. Materiales y recursos didácticos en contextos comunitarios. Em: **Los materiales didácticos como recurso en la acción comuni-**

tária. (coord.) AREA MOREIRA Manuel, PARCERISA ARAN Artur, RODRÍGUEZ RODRIGUEZ Jesús. Editorial Graó. España 2010, págs. 15-30.

PASQUALUCCI, Luciana. **Museu e Universidade:** articulação entre cultura e currículo do Ensino Superior sob a percepção de estudantes, professores e gestores de museus. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31313/27975> Acesso em 20 de maio de 2021

PRADA, Juan Martín. **La Apropiación postmoderna.** Arte, práctica apropiacionista y teoría de la posmodernidad. Editorial Fundamentos. Madrid 2001.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de antropología social**, n. 21, 2005, p. 17-35.

SANTACANA MESTRE, J. Museografía Didáctica, museos y centros de interpretación del patrimonio histórico. Em: SANTACANA MESTRE, J. e SERRAT ANTOLÍ, N. (coords) **Museografía Didáctica.** Ed. Ariel 2ª Ed. 2007, p. 63-100.

SCHÄRER, Martín R. **El Museo y la exposición: múltiples lenguajes, múltiples signos.** Museo del Oro, 2000 Disponível em: http://www.banrep.gov.co/museo/ceca/ceca_art003.html Acesso em 9 de outubro de 2015

SERRANO JIMÉNEZ, M. **Las Meninas viajeras como proyecto educativo:** Uno de los proyectos pioneros en España. 2014, p. 1-17. Disponível em: https://www.museodelprado.es/fileadmin/Image_Archive/educacion/18deac/documentacion/comunicaciones/margaret-serrano.pdf Acesso em 9 de outubro de 2015

SERRAT ANTOLÍ, N. Acciones Didácticas y de difusión en museos y centros de interpretación. Em: SANTACANA MESTRE, J. e SERRAT ANTOLÍ, N. (coords) **Museografía Didáctica.** Ed. Ariel 2ª Ed. 2007, p. 103-205.

TAMAYO, O; VASCO, C; SUÁREZ, M; QUICENO, C; GARCÍA, L; GIRALDO, A. **La clase multimodal.** Formación y evolución de conceptos científicos a través del uso de tecnologías de la información y la comunicación. Universidad Autónoma de Manizales. Septiembre, 2010, p. 250.

Como citar este capítulo (ABNT):

BOLAÑOS-MORA, A., SILVA, T. L. K. A maleta didática: uma oportunidade do design para a "reativação patrimonial". In: OLIVEIRA, G. G. de; NÚÑEZ, G. J. Z. **Design em Pesquisa – Volume 4** Porto Alegre: Marcavísal, 2021. cap. 5, p. 89-104. E-book. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>. Acesso em: 5 ago. 2021 (exemplo).

Como citar este capítulo (Chicago):

Adriana Bolaños-Mora e Tânia Luísa Koltermann da Silva. 2021. "A maleta didática: uma oportunidade do design para a 'reativação patrimonial'" In Design em Pesquisa - Volume 4, edited by Geísa Gaiger de Oliveira and Gustavo Javier Zani Núñez, 89-104. Porto Alegre: Marcavísal. <https://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>.